



ATOS DE PAULO E TECLA E O RECONHECIMENTO DA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA FEMININA

Marcos Felix de Oliveira*

RESUMO

Neste artigo analisamos a questão do masculino e do feminino nos Atos de Paulo e Tecla, um texto que, apesar de não pertencer ao cânon neotestamentário, gozou de muito prestígio no cristianismo primitivo, e ainda hoje desperta muito interesse. Aqui discutimos as relações de gênero, especificamente no que tange ao ministério eclesial feminino. Destacamos os pontos do escrito que demonstram a coragem e a determinação da jovem Tecla em sua luta pessoal por sua emancipação como mulher, e pelo reconhecimento de sua capacidade de liderança apostólica numa sociedade patriarcal que defende o casamento como forma de submissão da mulher. Tecla encontra na castidade um caminho para contestar a ideologia prevalente e uma abertura para o exercício de seu ministério apostólico.

Palavras-chave: Paulo. Tecla. Encratismo. Gênero. Ministério feminino.

ACTS OF PAUL AND THECLA AND THE RECOGNITION OF FEMALE ECCLESIASTICAL LEADERSHIP

ABSTRACT

In this article we analyze the question of masculine and feminine in the Acts of Paul and Thecla, a text that, despite not belonging to the New Testament canon, enjoyed great prestige in early Christianity, and still arouses much interest today. Here we discuss gender relations, specifically with regard to women's ecclesiastical ministry. We highlight the points of the writing that demonstrate the courage

* Mestrando em Ciências da Religião. Instituição de fomento: CAPES. Membro do grupo de pesquisas Rastros – Estudos sobre memórias e tradições cristãs e judaicas.



and determination of the young Tecla in her personal struggle for her emancipation as a woman, and for the recognition of her capacity for apostolic leadership in a patriarchal society that defends marriage as a form of submission for women. Tecla finds in chastity a way to contest the prevailing ideology and an opening for the exercise of her apostolic ministry.

Keywords: Paul; Thekla; Encratism; Genre; Women's Ministry.

HECHOS DE PABLO Y TECLA Y EL RECONOCIMIENTO DEL LIDERAZGO ECLESIAÍSTICO FEMENINO

RESUMEN

En este artículo analizamos la cuestión de lo masculino y lo femenino en los Hechos de Pablo y Tecla, texto que, a pesar de no pertenecer al canon neotestamentario, gozó de gran prestigio en el cristianismo primitivo, y sigue suscitando mucho interés en la actualidad. Aquí discutimos las relaciones de género, específicamente con respecto al ministerio eclesiástico de la mujer. Destacamos los puntos del escrito que demuestran la valentía y determinación de la joven Tecla en su lucha personal por su emancipación como mujer, y por el reconocimiento de su capacidad de liderazgo apostólico en una sociedad patriarcal que defiende el matrimonio como forma de sumisión de las mujeres. Tecla encuentra en la castidad un modo de cuestionar la ideología imperante y una apertura para el ejercicio de su ministerio apostólico.

Palabras clave: Pablo; Tecla; Encratismo; Género; Ministerio de la Mujer.

INTRODUÇÃO

Os primeiros textos do Novo Testamento foram escritos pelo apóstolo Paulo. Suas viagens missionárias, suas aflições, seu vasto conhecimento teológico, sua defesa da fé cristã, fazem dele uma das figuras mais importantes do cristianismo. Apesar disso, ele não estava com Jesus no monte da transfiguração; não presenciou a multiplicação de peixes e pães; não pôde se alegrar com a água transformada em vinho; não viu Jesus andar sobre as águas, nem ressuscitar Lázaro ou o filho da viúva; não comemorou quando Jesus fez coxos andarem, cegos enxergarem, e espíritos malignos serem expulsos pela presença do



Mestre. Jesus não lavou os pés de Paulo, não lhe serviu a última ceia, nem o convidou para sua derradeira oração no Jardim do Getsêmani. Jesus apareceu a muitos logo após ressuscitar, mas Paulo não estava entre eles. Paulo não pertenceu ao grupo de discípulos que andou com Jesus; ao contrário, perseguiu a igreja nascente até sua conversão no caminho para Damasco. Ainda assim, ele era Paulo, o apóstolo dos gentios e aquele que mais escritos em seu nome ingressaram no cânon neotestamentário.

Isso não significa, no entanto, que os textos canônicos devam ser tomados como delimitadores de toda a literatura cristã primitiva de modo a classificarmos como invenção os escritos rotulados como apócrifos ou pseudepígrafos. À época em que foram escritos não havia nenhuma garantia de que os textos que hoje temos na Bíblia fossem considerados canônicos. Portanto, a análise dos textos primitivos não deve partir de sua posição em relação ao cânon bíblico.

O texto que ora apresentamos, Atos de Paulo e Tecla, encontra-se nessa categoria de não-canônico, o que não deve desmerecê-lo. A investigação a que ora nos propomos concentra-se na análise de gênero, com recorte no ministério pastoral feminino que inclui as ações de batizar, pregar e ensinar a palavra de Deus. Defendemos que no texto Tecla se destaca pela sua coragem e persistência na luta pela defesa de sua atuação como líder cristã, capacitada aos mesmos ofícios desenvolvidos pelo apóstolo Paulo e outros líderes da incipiente igreja. Em uma escala progressiva, Tecla desafia e vence os preconceitos de sua família, de sua comunidade e da igreja, rompendo os elos da discriminação que a faziam cativa de um patriarcalismo que a obrigava ao casamento e sujeição de sua vontade à de seu marido. Sua opção pelo encratismo não parece ser tradução de uma repulsa ao matrimônio, mas a possibilidade de assegurar a liberdade de sua vontade e de poder abraçar a vida monástica.

Em nossa leitura, o texto apresenta uma sociedade segmentada pela discriminação entre masculino e feminino, que usa o casamento como instrumento de manutenção da ordem posta que subordina as mulheres a seus maridos. Paulo, com sua pregação sobre encratismo como ponte para a ressurreição, desafia os poderes da sociedade, mas



gradativamente se retrai e a mensagem assume uma nova propagadora: Tecla. Ela percorre um caminho inverso ao de Paulo no que tange ao enfrentamento das barreiras sociais respeitantes às desigualdades de gênero amparadas nas leis e costumes populares de sua época.

No início do romance, Paulo é apresentado como uma ilustre figura, um homem cheio de graça, um verdadeiro representante de Deus e grande pregador do Evangelho. Ele é recebido na casa de Onesíforo, onde prega um sermão sobre castidade e ressurreição, que desperta a atenção de muitos jovens. Acusado perante o governador pela mãe e pelo noivo de Tecla de fazer as virgens avessas ao casamento, Paulo mantém sua postura e prega também para o governador. Entretanto, após ser condenado, açotado e expulso da cidade, ele se retrai e não volta a pregar sua mensagem. Tecla, por seu turno, ao ser levada ao governador por se recusar a casar com Tamiris, sustenta sua opção pelo celibato, mesmo diante da possibilidade de sua condenação à morte. Ela enfrenta sua família e aceita seu destino, mas Deus a salva. Ao reencontrar Paulo, ela está ainda mais resoluta em seu desejo de assumir a vida monástica, renuncia sua feminilidade ao propor o corte de seus cabelos. Mas Paulo, temendo sua fragilidade feminina, recusa a candidata. Tecla insiste e pede para ser batizada, pois, assim, estaria revestida do poder de Deus que a capacitaria a enfrentar o mal. Mesmo após Deus ter aprovado Tecla, salvando-a da morte, Paulo não consegue vê-la como apta ao ministério apostólico.

A seqüência dos fatos revela a covardia de Paulo e a coragem de Tecla frente ao ataque de Alexandre, um magistrado sírio diante de quem Paulo nega conhecer Tecla, enquanto esta luta fisicamente com o agressor para proteger sua virgindade. Tecla recebe uma sentença de morte, mas ao invés de uma morte física, ocorre a morte da “velha” Tecla em seu autobatismo, do qual sai como pregadora da palavra de Deus, cujo discurso comove e converte toda a cidade, sendo reconhecida por todos como serva de Deus.

Em seu último encontro com Paulo, apresenta-se em trajes masculinos. Paulo a leva a casa de Ermaeu, mas já não é Paulo quem prega, e sim Tecla. Os que a ouvem reconhecem seu ministério. Ela já não pede a Paulo para segui-lo; antes, apenas o informa de seus planos de voltar



a Icônio para pregar a Palavra. Paulo finalmente reconhece e abençoa o ministério religioso de Tecla, que volta a Icônio, onde encontra sua mãe a quem prega a fé em Jesus no mesmo lugar em que recebeu de Paulo a mensagem do celibato e o chamado à vida ascética.

Assim, Tecla, uma virgem prometida em casamento como tantas outras, desafia as leis e costumes de sua época e, mesmo diante de tantos perigos de vida, prossegue na luta por seus ideais e termina reconhecida como heroína, um exemplo para as demais mulheres, uma santa para seus seguidores, Santa Tecla.

I – LITERATURA APÓCRIFA E PSEUDEPÍGRAFA

A Bíblia hebraica não existia nos tempos de Jesus. O processo que culminou com a canonização dos 24 livros que a compõem não ocorreu em um momento único. Argumentam John B. GABEL e, Charles B. WHELLER (2003, p.77, 78), com base nos capítulos 22 e 23 de 2 Reis, que até o ano de 622 a.E.C a Torá não seria conhecida sequer pelo sumo sacerdote, e que o rolo da Lei que foi encontrado no templo teria vindo a ser reconhecido como a primeira parte da futura Bíblia hebraica, sendo que em 400 a.E.C. a Torá já teria sua canonicidade aceita. Posteriormente, e antes do ano 200 a.E.C. teria sido a vez de os livros proféticos (anteriores e posteriores) serem canonizados. Somente por volta do ano 100 E.C. os Escritos ingressariam no cânon. Desse modo, nos tempos de Jesus, somente a Torá e os Profetas eram invocados como Escrituras Sagradas (Mt 7:12; Lc 16:16).

Os livros que não foram aceitos no cânon são conhecidos como apócrifos e pseudepígrafos. Explica Filipe de Oliveira GUIMARÃES (2019, p. 313 e 316) que ambos devem ser analisados a partir de um ponto de vista estrutural. O primeiro termo estaria vinculado a uma característica interna do escrito que, historicamente, significaria algo não verdadeiro, falso, mas seu significado etimológico indicaria algo que está oculto. E neste último significado residiria sua diferença em relação aos livros do cânon sagrado, que seriam considerados revelados, explícitos. Já o segundo termo retrataria um aspecto externo da obra. Não se trataria, porém, de uma falsidade propriamente dita, mas de um recurso literário. Contudo, não haveria unanimidade entre os autores acerca das diferenças entre esses termos, porquanto,



Até o século XIX percebe-se que ainda não estava clara a diferença entre o que seriam livros que pertenciam à categoria pseudoepigráfica e livros que deveriam ser situados entre os apócrifos. Para exemplificar citamos as palavras de G. H. Schodde que chama o principal livro da categoria pseudoepigráfica de apócrifo. Ele diz: ‘O Livro de Enoque é um trabalho apócrifo’. A distinção entre as categorias começa a se aguçar no século XX. Nesse momento apareceram listas de livros que seriam agrupados na categoria pseudoepigráfica.

Para Marcelo da Silva CARNEIRO (2018, p. 89), apócrifos e pseudepígrafos são termos que tecnicamente identificariam um mesmo tipo de texto, tanto em sua estrutura interna como externa, e que a finalidade da terminologia apontaria tão somente a fonte que os produziu: “pseudepígrafos para os textos judaicos tardios, apócrifos para os textos cristãos não canônicos”

Matthias HENZE (2015, p. 39-41), embora admita que de fato não haja na atualidade uma definição clara entre esses termos, destaca que uma e outra categoria deveria ser tratada de forma separada, reservando-se o termo “apócrifos” para os livros judaicos, escritos antes do início do cristianismo, e que estão preservados na Septuaginta, na Vulgata, e em algumas Bíblias, como a católica romana, a grega, a eslava. Os pseudepígrafos, por seu turno, existiriam em número aberto (ao contrário da Bíblia e dos apócrifos) e crescente.

Robert Henry CHARLES tem outra explicação para a pseudepigrafia (2020, p. 155-157) a partir de uma diferenciação entre judaísmo legalista e judaísmo apocalíptico. Ele começa explicando que a profecia e a apocalíptica seriam verso e anverso da mesma moeda, e se distinguiriam pelo fato de esta ser mais abrangente do que aquela, cujo escopo estaria limitado no tempo e no espaço. A seguir, ele diferencia a profecia pré da pós-exílica. A primeira teria desfrutado inicialmente de uma fase oral, passando posteriormente para a fase literária. A pós-exílica, por sua vez, não teria tido uma fase oral. Com a canonização da Lei, por volta de 400 a.E.C. não teria havido mais possibilidade de que alguém se manifestasse como profeta em nome de Javé, porquanto este já haveria se manifestado e declarado sua palavra por meio da Lei.

Desde então, a função até então exercida pelos profetas pré-exílicos era agora assumida pela Lei. Por isso, “O profeta que emitia uma



profecia em seu próprio nome após o tempo de Esdras e Neemias não podia esperar ter muita influência, a menos que a sua profecia tivesse o imprimatur da Lei” (Robert Henry CHARLES, 2020, p. 156). Somente a Lei atestaria a validade de uma profecia após 400 a.E.C, ou, ao menos, não a descredenciaria, desde que ela fosse atribuída a algum grande nome reconhecido pela Lei. Todavia, essa brecha aberta à profecia pós-exílica teria terminado com a canonização dos livros proféticos, por volta do ano 200 a.E.C. Diante da impossibilidade do exercício do ministério profético, a apocalíptica teria assumido a função de conduzir o povo, moral e espiritualmente. Desta feita, tanto a profecia, como também a apocalíptica, teriam utilizado a pseudepigrafia como modo de alcançar relevância ao relato após o século IV a.E.C.

Na perspectiva de Raymond E. Brown, o termo apócrifo teria inicialmente um significado elogioso, posto que era reservado para os “livros sagrados cujos conteúdos eram elevados demais para serem disponibilizados ao público em geral”, mas com a associação dessa literatura à heresia enfrentada pela Igreja, o termo teria assumido um sentido pejorativo. Acrescenta ele que na atualidade o termo apócrifo seria reservado pelos protestantes às 15 obras de origem judaica (no que parece haver sintonia parcial em Matthias Henze), conhecidas pelos católicos como livros deuterocanônicos, e aquilo que os católicos chamam de apócrifos, os protestantes afirmariam ser pseudepígrafos. (Raymond E. BROWN, 2018, p. 949, 950).

Em que pese não haver de fato uma definição clara dos termos, entendemos que o ponto central reside no conteúdo dos livros, independentemente da nomenclatura que recebam. Essa literatura foi de extrema importância na construção da teologia cristã, amplamente utilizada pelos primeiros cristãos, mas ficou relegada à escuridão até ser redescoberta nos anos de 1950, embora já antes dessa data autores havia que entenderam a importância desses escritos. Desde então há um crescente interesse por essas obras e revalorização dessa literatura face aos textos canônicos, como aponta Marcelo da Silva CARNEIRO (2018, p. 91) ao destacar que

...querer que os textos canônicos tenham supremacia inquestionável sobre os apócrifos ou, em outra ordem, que os apócrifos sejam con-



siderados espúrios, tal como os Pais da Igreja os consideram, é uma postura no mínimo ortodoxa e motivada tão somente pelos critérios a posteriori que a Igreja definiu para esses textos.

Nessa mesma linha de pensamento, Paulo Augusto de Souza NOGUEIRA, ao falar em apócrifos do Novo Testamento (2015, p. 20-30), parece não seguir a diferenciação terminológica apontada acima por Matthias Henze. O raciocínio de NOGUEIRA aparenta estar mais próximo ao de Luigi MORALDI (2016, p. 13), segundo quem, apócrifo seria um gênero que congregaria todos os escritos, do Primeiro e do Segundo Testamentos, que não foram canonizados. Ressalta ainda Paulo Augusto de Souza NOGUEIRA (2015, p. 23) que apócrifos, pseudepígrafos e canônicos deveriam ser analisados em conjunto, sem hierarquia ou preeminência de quaisquer deles. Ademais, o estudo bíblico não poderia ser prisioneiro de uma coletânea de livros considerados sagrados e que, portanto, impediriam a análise de outros escritos considerados espúrios tão somente pelo fato de não terem alcançado aquela mesma classificação por um grupo de estudiosos de tempos pretéritos, de modo que “a ideia anacrônica a ser questionada e desconstruída nos estudos bíblicos é a de cânon”.

Ainda, nessa defesa de nivelamento de todos os escritos, independentemente de serem apócrifos, pseudepígrafos ou canônicos, a argumentação de Matthias HENZE (2015, p. 51-55), para quem a compreensão do início do cristianismo não pode ser alcançada à margem da literatura extracanônica. Para ele,

O objetivo é perceber que o cristianismo é produto do judaísmo do Segundo Templo e obter uma compreensão mais clara do ambiente judaico a partir do qual o cristianismo nascente se desenvolveu. O movimento inicial de Jesus não emerge do Antigo Testamento, mas do judaísmo do Segundo Templo. (...) Para entender o ambiente judaico do Novo Testamento, precisamos voltar aos escritos extracanônicos do judaísmo antigo, isto é, aos Apócrifos e aos Pseudepígrafos.

Desta feita, entendemos que o texto ora em análise não tinha por objetivo desconstruir narrativas do ministério paulino descritas no códice bíblico; antes, teria sido um grito aos quatro ventos de que



“Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), o que Jesus parece ter demonstrado, segundo o relato dos evangelhos. Esta obra, assim como outras da literatura extra canônica, concorre para complementar e esclarecer as linhas de pensamento da época, não somente no campo da religiosidade como também acerca das complexidades das relações sociais que formavam o cenário onde os escritos foram produzidos, inclusive no que tange às relações de gênero.

II - CONTEXTO LITERÁRIO

A obra Atos de Paulo e Tecla faz parte de um texto apócrifo maior, os Atos de Paulo, uma composição literária dos séculos II e III da E.C. pertencente ao gênero atos apostólicos apócrifos.

Aparentemente traz uma certa surpresa a preeminência do nome de Paulo, uma vez que quase todo o enredo é protagonizado por Tecla, restando a Paulo um papel secundário, nem sempre harmonizado com as pretensões de Tecla. Percebe-se esse descompasso na rejeição paulina ao anseio de Tecla em ser batizada e em segui-lo em seu ministério apostólico, sob alegação de que a beleza dela poderia colocá-los em perigo. Uma hipótese que talvez possa explicar a antecedência do nome de Paulo é justamente o fato de este texto estar inserido naquele maior, Atos de Paulo, que discorre sobre as atividades missionárias do apóstolo até seu martírio em Roma.

Desse modo, podemos destacar dois grupos de escritos cristãos: aqueles que ingressaram no cânon bíblico, considerados divinamente inspirados; e os que não ingressaram, ditos apócrifos. Atos de Paulo e Tecla pertence a este último grupo. Embora não tenha sido recepcionado como um texto canônico, Atos de Paulo e Tecla teve grande influência no meio cristão, conforme aponta Sara Gonçalves DEVAI (2019, p. 10):

O número considerável de manuscritos sobreviventes em línguas antigas como grego, copta, latim, siríaco e armênio, assim como as referências em obras da Antiguidade Tardia, testemunham a larga difusão da mesma dentro do cristianismo, desde a Antiguidade até a Idade Média.

Neste nosso artigo buscaremos expor a tensão que o texto ora em análise apresenta entre o feminino e o masculino no que diz respeito ao ministério cristão das mulheres.



III - ESTRUTURA TEMÁTICA DO TEXTO DE ATOS DE PAULO E TECLA

Dividimos o texto em 4 partes: a) O encantamento de Tecla pelo sermão da virgindade; b) Propósito apostólico de Tecla e a resistência de Paulo; c) Autobatismo de Tecla e início de seu ministério; d) Reconhecimento de Paulo do ministério de Tecla.

a) O encantamento de Tecla pelo sermão da virgindade

Nessa fase os acontecimentos ocorrem na cidade de Icônio, cidade mencionada em passagens bíblicas, tais como: Atos 13:51; 14:1,19,21; 16:2; II Timóteo 3:11. Icônio, atual Turquia, era uma cidade populosa da Ásia Menor, situada a cerca de cento e sessenta quilômetros de Antioquia.

Embora se admita tenha sido o apócrifo escrito em fins do século II, os fatos nele narrados teriam ocorrido por volta do ano 48 E.C. Nesta primeira parte atuam três grupos de personagens: Paulo e seus companheiros de viagem (Paulo, Demas e Hermógenes); a família de Onesíforo (Onesíforo, Lectra, Silas e Zeno); e a família de Tecla (Tecla, Teocleia e o noivo Tamiris), e trata dos seguintes eventos: Chegada, pregação e expulsão de Paulo de Icônio; condenação e livramento de Tecla.

Paulo vinha de Antioquia para Icônio na companhia de Demas e Hermógenes. Em Icônio são recebidos por Onesíforo, que reconhece Paulo pela descrição que lhe foi feita em carta por Tito como “um homem de baixa estatura, careca, de pernas tortas, robusto, com sobrelhas unidas, um bocado narigudo, e cheio de graça”. Paulo hospeda-se na casa de Onesíforo, onde prega sobre encratismo¹ e ressurreição, proferindo as seguintes bem-aventuranças destacadas no texto apresentado por Cláudio da Chaga SOARES (2017, p. 51):

[...] Felizes são que os guardam a carne casta, pois eles se tornarão Santuário de Deus. Felizes são os encratistas², pois Deus falará a

¹ ENCRATISMO: Doutrina compartilhada por diversas seitas cristãs primitivas, dos primeiros séculos da nossa era, que preconizava a abstinência de carne e bebida alcoólica e condenava a prática sexual e o casamento. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/encratismo#:~:text=Hist%20%2C%20Rel%20Doutrina%20compartilhada%20por,der%20do%20gr%20egkrat%C4%93s%2Bismo>, acesso em 25/11/2022.

² O encratismo foi uma doutrina que não restringia apenas o ato sexual, mas incluía outras proibições, como comer carne, tomar leite e bebidas alcólicas. Seu desenvolvimento ocorreu



eles. Felizes são os que renunciaram a este mundo, pois eles agradecerão a Deus. Felizes são os que têm suas esposas como se não as possuíssem, pois eles herdarão a Deus. [...] Felizes são os corpos das virgens, pois elas agradecerão a Deus, e não perderão a recompensa de sua castidade, pois a palavra do Pai se tornará para elas uma obra de salvação no dia do seu Filho, e elas descansarão para sempre.

O tema da pregação chamou a atenção de muitos jovens na cidade, homens e mulheres, que escutavam a mensagem com atenção e acabavam procurando Paulo para melhor conhecerem o caminho da castidade. Dentre eles estava uma jovem virgem de 17 anos de idade, Tecla, filha de Teocleia e noiva de Tamiris. Da janela de sua casa, por 3 dias e 3 noites, ela ouviu o sermão de Paulo sobre a virgindade (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 389-390):

Enquanto Paulo assim pregava em meio à igreja na casa de Onesíforo, uma certa virgem chamada Tecla, filha de Teocleia, noiva de um homem chamado Tamiris, estava sentada na janela ali perto, escutando noite e dia ao sermão da virgindade e da oração, sem olhar pela janela, mas prestando muita atenção à fé, com muita alegria.

Os apelos de sua mãe e de seu noivo foram insuficientes para removê-la do desejo de também encontrar Paulo. Entretanto, o discurso que atraía os jovens também provocava o furor de algumas pessoas, como aconteceu com a família de Tecla e com os próprios companheiros de Paulo que, juntos, conseguiram a prisão do Apóstolo, sob acusação de que ele incitava os jovens contra o matrimônio. Teocleia diz a Tamiris:

Tamiris, este homem vai derrubar a cidade dos iconianos, e sua Tecla também vai junto, pois todos os jovens homens e mulheres que

em meados do II E.C. como uma forma exacerbada de ascetismo, mas foi rejeitado pela Igreja Católica, que buscou desvinculá-lo dos ensinamentos paulinos, e o associou ao gnosticismo e ao maniqueísmo. Adeptos cristãos do encratismo, como Taciano, que fora discípulo de Justino, foram considerados hereges por parte da Igreja (Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/teop/article/viewFile/672/545>, acesso em 25/11/2022). Por isso, neste artigo, procuramos entender o encratismo em sua forma ainda incipiente, isto é, como um sinônimo de opção de uma vida celibatária livremente adotada, como ainda hoje presenciamos no catolicismo romano.



entram ali com ele aprendem a temer a Deus e a viver na castidade. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 390).

De semelhante modo, Demas e Hermógenes afirmaram:

Quem ele é, de fato, não sabemos, mas ele priva os rapazes de suas esposas, e as moças de seus maridos, dizendo, ‘não há ressurreição para vocês de nenhum outro jeito, a não ser que permaneçam castos, sem poluir a carne, mas a mantendo casta’³. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 391).

Tecla, porém, seduzida pelo discurso paulino, suborna os guardas durante a noite para que a deixem entrar na prisão e falar com Paulo. Entrementes, seu apaixonado noivo sai pelas ruas a sua procura e a encontra com o prisioneiro, “acorrentada pela paixão”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 392). A cena encheu ainda mais de ódio o coração de Tamiris e dos que com ele estavam. Com o apoio da multidão, levaram Paulo perante o governador que, após mandar açoitá-lo, expulsou-o da cidade. O governador interroga Tecla e lhe pergunta: “Por que você não obedece Tamiris, de acordo com a lei dos iconianos?” (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 393). Mas Tecla permaneceu silente, enquanto “fitava Paulo intensamente”, e esse seu comportamento despertou uma ira tão grande em sua mãe a ponto de mandar queimar a própria filha no meio do teatro para servir de exemplo às demais virgens, as quais, por sua vez, traziam lenha para que Tecla fosse queimada. Mas tal não ocorreu, pois Deus sentiu grande compaixão por Tecla e a livrou da morte.

³ Segundo Leonardo Henrique PIACENTE (2016, p. 134, 135): “Foi pela via dos escritos gnósticos que o caráter encratita adentrou o judeo-cristianismo dos primeiros séculos. Sua origem, possivelmente, foi fruto das missões judeu-cristãs da Palestina (Evangelho de Tiago), no Egito (Evangelhos dos Hebreus e dos Egípcios), em Edessa (Odes de Salomão), pois estes textos apócrifos, juntamente com o Pastor de Hermas reforçavam o encratismo como conduta. Esta inter-relação entre os missionários judeo-cristãos com as diversas doutrinas filosóficas e religiões do mundo oriental mediterrâneo, fizeram com que todo ambiente cristão, até o século III d.C. fosse bastante influenciado por esse modo de vida absterne: de comida, de bebida e de relações sexuais. Até textos neotestamentários e catequéticos, das primeiras comunidades, traziam prescrições mais favoráveis ao modo de vida encratita, formando um grupo de cristãos mais elevados, especialmente na estima eclesialística pela virgindade.”



b) Propósito apostólico de Tecla e a resistência de Paulo

A cena seguinte tem como palco as cidades de Dafne, onde estava situado o célebre santuário de Apolo, e Antioquia. Os personagens principais deste quadro são o apóstolo Paulo; a família de Onesíforo; Tecla; o magistrado sírio Alexandre; a viúva Trifaena e sua filha (morta) Falconila.

O episódio inicia-se com Tecla à procura de Paulo. Ela o encontra em um túmulo vazio, a caminho de Dafne, na companhia de Onesíforo e sua família. Esse é o momento em que Tecla propõe renunciar sua feminilidade para poder seguir Paulo em sua jornada, mas ele a desmotiva com as seguintes palavras: “Estes são tempos impudicos, e você é linda. Temo que outra tentação possa te atingir, ainda pior que a primeira, e que você não a suporte, mas se acovarde”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 394). De que tentação Paulo está falando? Ao que parece, ele faz menção ao fato de Tecla correr o risco de ser tomada em casamento, como antes estava para acontecer com o noivado e futuro casamento com Tamiris.

Em resposta, Tecla pede para ser batizada, pois isso lhe daria forças e a livraria de futuras tentações, mas o apóstolo recusa: “Tecla disse: Apenas me dê o selo em Cristo, e a tentação não encostará em mim”. Paulo responde: “Tecla, espere com paciência, e você receberá a água”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 394).

c) Autobatismo de Tecla e início de seu ministério

Logo que adentram Antioquia, Tecla é atacada por um tal Alexandre, um magistrado da cidade que se apaixona por sua beleza. Ela luta com ele, enquanto Paulo finge não a conhecer e a deixa sozinha. Denunciada por Alexandre ao governador, Tecla é condenada à morte por animais selvagens. Mas ao contrário do que ocorreu na primeira cena, aqui as mulheres da cidade se colocam ao lado de Tecla e afirmam ser injusta a sentença prolatada contra ela sob acusação de sacrilégio.

A execução da sentença não foi bem-sucedida. Quatro animais foram soltos para devorar Tecla, dentre eles, uma leoa que, ao invés de dilacerar a condenada, deitou-se aos seus pés e vitoriosamente lutou com os machos até a morte pela defesa de Tecla. Outros animais foram soltos na arena, mas de igual modo não conseguiram tocá-la, porque



ela se jogou em uma vala com água e assim realizou seu autobatismo, escapou da morte uma segunda vez, e pregou a fé em Jesus ao governador e aos habitantes daquela cidade.

Se na primeira cena a execução de Tecla tinha por objetivo impedir que outras mulheres seguissem seu exemplo, esta segunda cena deixa claro que as mulheres da cidade, em unísono, reconheceram o valor de Tecla e de sua fé, ao clamarem: “Há apenas um Deus, o Deus de Tecla!” (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 397).

d) Reconhecimento de Paulo acerca do ministério de Tecla

Novamente Tecla está em busca de Paulo, e o encontra em Mira da Lícia. Ela agora veste-se como homem; é a líder de um grande grupo de jovens, homens e mulheres; ela, e não Paulo, prega na casa de Ermaeu; seu propósito já não é seguir a Paulo, mas desenvolver seu ministério; Paulo aceita sua decisão e a incentiva a pregar a palavra de Deus em Icônio.

Ao chegar na casa de Onesíforo, em Icônio, ora no lugar onde Paulo se assentava para ensiná-la, mas não faz menção direta do apóstolo; toda sua gratidão e louvor são dirigidas a Deus. Após testemunhar a fé em Jesus para sua mãe, ela parte em definitivo para Selêucida, e ali viveu em uma caverna por 72 anos, vindo a falecer no mês de setembro, aos 90 anos de idade.

Tecla nunca mais viu Paulo. A última vez que foi a Roma para visitá-lo descobriu que ele já havia sido morto. Dos 18 aos 90 anos viveu como asceta numa caverna em Selêucida, onde pregava a palavra de Deus às mulheres daquela cidade que iam até ela. E também expulsava demônios e realizava tantas curas que a população já não procurava os médicos da cidade, o que causou revolta da classe médica ao ponto de tramarem um ataque à virgindade de Tecla com o fim de, assim, fazer com que ela perdesse seus poderes, mas milagrosamente ela escapa de seus algozes.

IV – ANÁLISE SOCIOCULTURAL

O Império romano (27 a.E.C. – 476 E.C.) não seguiu o exemplo dos persas e dos gregos no que diz respeito à assimilação da cultura dos povos conquistados. O interesse romano estava muito mais voltado



para se enriquecer com o espólio e tributos dos derrotados e na expansão de seu território. Satisfazendo esses anseios, os povos derrotados podiam manter seus costumes e crenças, desde que não significassem qualquer perigo para o Império. Conforme explica Lourdes Conde FELTOSA (2008, p. 126),

[...] em diversos aspectos os inúmeros povos que compunham o império romano viviam de acordo com as leis locais, regidas segundo os seus costumes e preceitos, elemento que denota a complexidade das relações sociais “romanas”, dentre elas as estabelecidas entre o feminino e o masculino.

Atos de Paulo e Tecla adota essa dinâmica sociocultural; as cidades onde os eventos ocorrem possuem regras que apontam para prerrogativas masculinas em prol das mulheres. Tanto em Icônio como em Antioquia as leis impunham a submissão das esposas aos seus maridos, e a recusa daquelas em se casar era vista como sacrilégio punível com o degredo ou morte. Vemos com clareza esse desnível no pedido de Teocleia ao governador para que queimassem Paulo e Tecla no teatro (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 393), mas somente Tecla recebeu tal condenação, enquanto Paulo recebeu açoites e foi expulso da cidade, não obstante a maior gravidade de sua conduta em relação a de Tecla, uma vez que, por causa de seus discursos, não somente Tecla, mas muitos outros jovens abraçaram o encratismo.

Para Paulo Augusto de Souza NOGUEIRA (2022, p. 15 e 16) há de fato no texto uma forte ênfase de gênero, que coloca a mulher numa situação inferior à do homem, e aponta as diversas injustiças perpetradas contra Tecla pelo fato de ela ser mulher. E ela mesma percebe essa discriminação ao sugerir a Paulo o corte de seus cabelos e, posteriormente, ao adotar roupas masculinas. Para NOGUEIRA,

Quando Tecla propõe, no encontro com Paulo na tumba, cortar os cabelos para segui-lo, ela está propondo um tipo de relacionamento de superação das diferenças sexuais, em que ela se torna masculina, suprimindo suas características femininas.



Entretanto, e apesar das leis e costumes patriarcais dessas cidades, em Icônio e em Antioquia, a exemplo do que sucedia em diversas outras cidades do Império, havia mulheres que gozavam de privilégios maiores. O romance destaca o papel das virgens e viúvas. Na família de Tecla, observa-se que sua mãe não tinha marido, assim como também ocorre com Trifaena, como nos deixa ver o texto organizado por Eduardo de Proença ao retratar o desespero da família de Tecla (2017, p. 390): “Eles choraram amedrontados, Tamiris pelo fato da perda de uma esposa, Teocleia de uma filha, e as serventes de uma patroa” (não se observa a figura paterna), bem como na tristeza de Trifaena (2017, p. 395): “Um segundo luto por minha Falconila veio sobre minha casa, e não há ninguém para me ajudar; nem minha filha, pois está morta, e nem um parente, porque sou viúva”.

O destaque dado a essas mulheres, associado à ausência de uma liderança familiar masculina, parece dar suporte à proposta de Virgínia Burros (apud Cláudio da Chaga SOARES, 2017, p. 21-23), para quem Atos apostólicos apócrifos seriam lendas orais populares de castidade de mulheres, produzida por mulheres (virgens ou viúvas) e escritas especificamente para mulheres. A tese da autora não deixa de ser tentadora, a despeito da discordância de Cláudio da Chagas Soares. Na família de Tecla, vemos que seu noivo somente age após ser instigado por Teocleia; Em Antioquia, Trifaena rouba o protagonismo de Alexandre, que reconhece a importância daquela ao pedir ao governador a soltura de Tecla. E não podemos nos esquecer do embate entre Paulo e Tecla, que caminham em sentidos opostos de destaque no texto: No início do romance, Paulo é o personagem principal, e Tecla, uma jovem desconhecida. À medida que caminhamos, a figura de Paulo vai se apagando, até que se noticia que ele teria morrido em Roma: “Ela [Tecla] partiu para Roma para ver Paulo, e soube que [ele] havia adormecido”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 399). E acerca de Tecla, diz o texto em sua parte final: “Assim sofreu a primeira mártir de Deus, a apóstola e virgem Tecla [...] Sua santa comemoração é no dia 24 do mês de setembro, para a glória do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 401). Desse modo, tendo ou não sido escrito por mulheres virgens ou



viúvas, como defende BURROS, o texto não deixa dúvidas acerca da importância dessas mulheres naquelas sociedades.

Com efeito, a despeito do patriarcalismo então reinante, nem todas as mulheres eram frágeis e indefesas ao ponto de necessitarem do amparo de uma figura masculina. Tecla, ao ser abordada por Alexandre, enfatiza sua origem e posição em Icônio quando diz: “Eu sou uma iconiana muito importante, e porque eu não quis me casar com Tamiris, fui expulsa da cidade”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 394). Aos dezessete anos ela certamente ainda não tinha angariado bens que lhe propiciassem produção de renda própria. Portanto, a afirmação de sua importância é uma indicação da origem de sua família, ou seja, sua mãe. Assim, indiretamente percebemos que Teocleia era uma importante viúva na cidade de Icônio.

O mesmo reconhecimento social ocorre com Trifaena, que aparece no texto como viúva que não perdeu seu título de rainha, nem a proteção de César, como reconhece o magistrado Alexandre em seu pleito final ao governador: “Tenha misericórdia de mim e desta cidade, e liberte essa mulher (Tecla). Pois se César ouvir falar dessas coisas, ele logo destruirá a cidade e a todos nós, porque sua parente, a Rainha Trifaena, está morta”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 397). Esse reconhecimento social da força e importância dessas mulheres não era uma exceção em relação a outras cidades do Império, como salienta Lourdes Conde FEITOSA (2008, p. 126) ao mencionar que

As crescentes análises sobre as romanas e a utilização de documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias têm sido fundamentais para compreender a participação delas no espaço social. A presença de mulheres abastadas, identificadas pelo nome de sua família, é atestada na sociedade romana por meio da política de benefícios e de construções públicas; no apoio financeiro a jogos e na distribuição de alimentos; nas relações pessoais, desenvolvidas por meio do sistema de clientela e de *amicitia*; no patrocínio a corporações de ofício e no gerenciamento de propriedades particulares e de negócios familiares.

O realce do papel desempenhado por essas mulheres é de todo relevante no enfrentamento das desigualdades de gênero impostas pelo



patriarcalismo que restringia a atuação feminina no seio da sociedade. Não é qualquer mulher que luta pela sua libertação, mas sim alguém que detinha certa influência em Icônio, que luta e vence sua própria mãe (uma mulher igualmente importante, cuja voz se faz ouvir diretamente pelo governador de Icônio), e que, nessa luta, paulatinamente recebe o apoio de Trifaena e de outras mulheres, da sociedade e da própria Igreja, como já salientado.

V – ANÁLISE TEOLÓGICA

Já manifestamos nossa perspectiva acerca da intenção do romance em defender a atuação de uma liderança feminina na Igreja. Nessa mesma linha de pensamento, aduz Juan ARIAS, citado por Francisca Rosa da SILVA (2006, p. 71-72 apud Francisca Rosa da SILVA, 2008, p. 9) que

se o Cristianismo tivesse seguido o rumo dos primeiros trinta anos depois da morte de Jesus, provavelmente Maria Madalena seria sua fundadora, pois naquela época, as mulheres tiveram um papel predominante no nascimento das primeiras comunidades que seguiam os ensinamentos de Jesus. Maria Madalena aparece “sempre como a pessoa mais importante tanto nos Evangelhos Canônicos como nos Apócrifos”.

Atos de Paulo e Tecla destaca a coragem de Tecla e exalta sua persistência na luta pela defesa de seu ministério apostólico, chamada e capacitada por Deus aos mesmos ofícios desenvolvidos pelo apóstolo Paulo e outros líderes da incipiente igreja. Esse ponto de vista sobre o intuito da obra em afirmar o papel das mulheres na sociedade e na Igreja tem sido ressaltado por diversos autores, como Paulo Augusto de Souza NOGUEIRA (2022, p. 12): “O fato de a heroína, a jovem Tecla, ter se batizado, apesar das resistências do apóstolo, fez com que o texto fosse percebido como um incentivo ao ministério feminino e à autonomia das mulheres para batizarem”.

A resistência de Paulo em batizar Tecla, pelo fato de ela ser mulher, novamente se repete em outro texto apócrifo, conhecido como Vida e conduta das santas mulheres Xantipe, Polixena e Rebeca. Em uma passagem desse apócrifo Xantipe diz a Paulo: “Mestre, meu coração está



muito sobrecarregado, porque ainda não recebi o batismo”. A isso Paulo nada responde, mesmo sabendo que ela corria risco de ser morta, e que sem o batismo sua alma iria para o inferno. Somente mais tarde Paulo aceita sua súplica e concorda em batizá-la: “Apressa-te em selar-me, de modo que, se a morte vier sobre mim, eu possa partir para aquele que é cheio de compaixão e não tem nenhuma arrogância”. (Eduardo de PROENÇA, 2017b, p. 560-563). Esse poder do batismo na remissão dos pecados é novamente destacado quando Polixena, irmã de Xantipe, conclui que: “Se tivesse me afogado no mar, talvez tendo recebido o divino batismo, iria para onde ninguém é feito cativo”. (Eduardo de PROENÇA, 2017b, p. 573).

O batismo era, portanto, um rito sacramental por meio do qual os batizados tinham seus pecados perdoados, recebiam um fortalecimento espiritual que os capacitava a resistir às forças satânicas e lhes assegurava a vida eterna. Retardar esse momento significava permitir que alguém fosse mantido em seus pecados e em sua fraqueza espiritual. Por isso o apelo de Tecla: “Apenas me dê o selo em Cristo, e a tentação não encostará em mim. Paulo disse: Tecla, espere com paciência, e você receberá a água”. (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 395). Mas o batismo negado a Tecla por Paulo, é concedido por Deus:

“Quando ela terminou de orar, virou-se, viu uma vala cheia de água, e disse: Chegou a hora de me lavar. Ela se jogou ali dizendo: Em nome de Jesus Cristo eu me batizo em meu último dia” (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 396). Posteriormente ela diz a Paulo: “Eu recebi o batismo, Paulo, pois Ele que trabalhou comigo pelo evangelho também trabalhou comigo pelo batismo” (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 398). Vemos aqui a associação entre o ministério de pregar a Palavra (“Ele trabalhou comigo pelo Evangelho”) e o sacramento do batismo (“também trabalhou comigo pelo batismo”).

Mas o batismo inicialmente negado às mulheres, nada obstante tantas demonstrações de suas fés e da aprovação divina, era prontamente conferido aos homens com muita facilidade. Dois exemplos nos bastam. O primeiro ocorre no mesmo apócrifo antes citado (Vida e conduta das santas mulheres), quando o pagão Probus, marido de Xantipe, após perseguir Paulo e tentar impedir o batismo da esposa, finalmente se



converte, vai a Paulo e lhe diz: “Meu senhor Paulo, se eu for digno de receber o batismo, eis a hora. Paulo lhe disse: Filho, eis que a água está pronta para a purificação dos que vêm a Cristo” (Eduardo de PROENÇA, 2017b, p. 568-569). Ou seja, Tecla a despeito de toda demonstração de fé e da aprovação divina, teve seu pedido para ser batizada recusado por Paulo, ao passo que o apóstolo não tardou em atender Probus, mesmo ele tendo dúvidas: “se eu for digno de receber o batismo”.

E temos ainda o caso do leão batizado pelo apóstolo Paulo, segundo o texto em Atos de Paulo, apresentado por Paulo Augusto de Souza Nogueira (2022, p. 18), assim relatado:

Caminhava Paulo em direção a Jericó, quando lhe apareceu um enorme e terrível leão, que se lançou a seus pés. O leão pediu o batismo ao apóstolo, que prontamente o atendeu. Tomou o animal pela juba e o batizou, mergulhando-o na água três vezes. Depois de trocarem despedidas, o leão parte, mas uma leoa vai ao seu encontro. Ele, no entanto, não lhe dirigiu o olhar.

Ao referir o texto ao fato de o leão batizado desprezar a companhia da leoa quer assim indicar ter o leão abraçado o encratismo. Com efeito, o que se percebe nesses textos é que os temas relativos ao celibato, batismo e ministério eclesiástico estão estreitamente correlacionados, e acompanham a Igreja Católica até os dias atuais. Se de fato as mulheres tiveram nos primeiros anos da Igreja um papel de liderança, esse quadro sofreu completa alteração nos anos seguintes. Até onde o discurso paulino acerca da virgindade e celibato, apresentados em nosso texto, corrobora para o descrédito da mulher como líder religiosa no cristianismo? A supressão da mulher nas comunidades cristãs e a vedação de que ela exercesse na igreja as mesmas funções que os homens foi algo que se construiu em paralelo ao conceito da sucessão apostólica, como relata Francisca Rosa da SILVA (2008, p. 10):

Tal procedimento começou bem mais tarde. Foi no final do século III, que se firmou o conceito de sucessão apostólica ligada à liderança petrina. Aos poucos, as mulheres foram perdendo espaço para os homens, foram sendo proibidas de presidir à eucaristia, ao batismo e foram sendo relegadas a papéis de “servidoras” dos bispos e



presbíteros, como acontece ainda hoje. Lentamente, a virgindade e o celibato passam a ser considerados como as maiores virtudes; o matrimônio fica em segundo plano. Com isso a mulher vai se distanciando cada vez mais do altar, porque é a representante da Eva pecadora. Desde então, ela passa a ser a grande tentação do pecado para o clero. A partir dos achados dos escritos gnósticos, em 1945, Maria Madalena volta timidamente à cena para ocupar o seu lugar dentro da história do cristianismo. O desafio do Cristianismo hoje é de devolver a Maria Madalena e às mulheres o seu lugar primordial nas origens cristãs”.

A utilização de vestes masculinas não muda a essência do que elas são. Continuam sendo mulheres, que se despem de suas feminilidades externas para estreitar a distância com o sexo masculino, assumindo, para isso, vestes e posturas masculinas, qual Diadorim⁴. Justamente isso é o que fazem Tecla: “Levando rapazes e moças, Tecla colocou uma cinta, costurou sua túnica como um manto de homem, e foi para Mira (Eduardo de PROENÇA, 2017, Atos de Paulo e Tecla, p. 398) e Polixena: “E ele [o condutor de mulas] disse a Polixena: Altera a tua aparência para a de um homem, para que, por causa de tua beleza, alguém não te roube de mim”. (Eduardo de PROENÇA, 2017b, p. 577). Ao que nos parece, a exaltação do encratismo no discurso paulino como modo de alcançar a salvação era, também, um meio de as mulheres alcançarem a autonomia de suas vontades, ao passo que o reconhecimento de uma liderança feminina pela sociedade e pela Igreja encontravam obstáculo no patriarcalismo então vigente.

Por conseguinte, se nem mesmo o batismo, que possuía uma finalidade de remissão e revestimento espiritual, era facilmente concedido às mulheres, quanto mais o seria a prerrogativa de elas batizarem e ensinarem o Evangelho?! Mas o texto destaca que o próprio Deus conferiu a Tecla não só o direito de batizar (a si mesma), como também concedeu a ela o ministério apostólico. Aquilo que os líderes religiosos (representados por Paulo) negaram, Deus concedera.

⁴ Personagem do livro **Grande sertões**: veredas, de João Guimarães Rosa.



VI - RECONHECIMENTO ATUAL DA IGREJA EM RELAÇÃO A TECLA

A prerrogativa dos homens no exercício das práticas religiosas não é uma exclusividade cristã. Entre judeus, gregos e romanos a mesma situação se repetia. No judaísmo não se permite que uma mulher exerça as funções de rabina ou juíza, embora a Bíblia hebraica registre o caso de Débora, que além de profetisa foi também juíza em Israel (Juízes 4), mas se trata de uma exceção. No mundo grego, conforme aponta Francisca Rosa da SILVA (2008, p. 17), a mulher tinha oportunidade de atuar como profetisa e realizar alguns ritos sagrados relacionados ao nascimento e à morte, mas os atos sacrificiais, por estarem vinculados à política, eram reservados aos homens. Já os romanos consideravam as mulheres em menor estima, não lhes permitindo funções importantes na condução dos cultos, exceto naqueles de origem estrangeira, considerados impuros.

Ao voltarmos ao nosso texto organizado por Eduardo de Proença, constatamos que o ministério religioso de Tecla é também reconhecido pelos pagãos. Assim como a deusa grega Ártemis, a Diana dos romanos, Tecla habitou em uma gruta na cidade de Selêucida, onde passou a maior parte de sua vida. Diz o texto que (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 399).

Algumas mulheres da alta sociedade, ao saberem da virgem Tecla, foram até ela, e aprenderam os oráculos de Deus. E muitas delas se despediram do mundo, e viveram com ela na ascese. Sua boa reputação se espalhou por toda parte, e ela realizou curas. Toda a cidade, portanto, e a região em volta, ao saber disso, levou seus doentes até a montanha, e antes de se aproximarem da gruta, eram rapidamente libertos de quaisquer doenças que os afligiam. Os espíritos impuros saíam gritando, todos recebiam os seus com saúde, dando glórias a Deus, que havia dado tal graça para a virgem Tecla.

Novamente vemos o destaque dado às mulheres que seguiam o exemplo revolucionário de Tecla (“Algumas mulheres da alta sociedade”), bem como a associação das atividades de Tecla com as de Jesus e as de seus discípulos, como extraímos dos seguintes trechos:

a) Na liderança: Muitas daquelas mulheres que conheceram Tecla “se despediram do mundo, e viveram com ela na ascese” (Eduardo de PROENÇA, 2017, p. 399), assim como os discípulos de Jesus também



abandonaram suas profissões e vidas pregressas para andarem com Jesus e darem sequência ao movimento por Ele iniciado, conforme Lucas 5:11: “Então, eles arrastaram seus barcos para a praia, renunciaram a todas as coisas e seguiram a Jesus”.

b) No reconhecimento de sua fama e na operação de curas, milagres e libertação de espíritos maus (Eduardo de PROENÇA, 2017, P. 399):

Sua boa reputação se espalhou por toda parte, e ela realizou curas. Toda a cidade, portanto, e a região em volta, ao saber disso, levou seus doentes até a montanha, e antes de se aproximarem da gruta, eram rapidamente libertos de quaisquer doenças que os afligiam. Os espíritos impuros saíam gritando, todos recebiam os seus com saúde.

Notemos a semelhança com o texto neotestamentário ao mencionar a expansão do reconhecimento da fama de Jesus e das operações que Ele realizava descritas em Mateus 4:24:

E sua fama correu por toda a Síria; e trouxeram-lhe, então, todos aqueles que sofriam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos. E Jesus os curava.

c) No reconhecimento de que essas operações decorriam do poder de Deus, expresso nos paralelos: “[...] dando glórias a Deus, que havia dado tal graça para a virgem Tecla”, e “E as multidões, vendo isso, temeram, e glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens”. (Mateus 9:8).”

Mister se faz mencionar que o texto de Atos de Paulo e Tecla organizado por Eduardo de Proença traz variantes dos séculos IV e V, não presentes nos textos originais, que tiveram por finalidade a devoção à Tecla. O trecho que discorre sobre a vida de Tecla depois de deixar Icônio e se estabelecer em Selêucida possivelmente faz parte desses acréscimos, mas fizemos questão de abordar essa passagem para demonstrar a veneração cristã em relação à Santa Tecla. Sobre esses acréscimos explica Cláudio da Chaga SOARES (2017, p. 74):

As variantes textuais abaixo [que relatam a vida e ministério de Tecla em Selêucida], provavelmente dos séculos IV e V da E.C., desenvol-



veram-se no contexto da devoção à Santa Tecla, - celebrado no dia 24 de setembro -, e buscam afirmar que não há correlação entre o culto a Tecla e o culto a Ártemis. Tecla é apresentada como uma cristã santa, eremita e que cura as pessoas, o que lhe acarreta a oposição dos médicos de Selêucida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atos de Paulo e Tecla apresenta Paulo como defensor do encratismo. É preciso que tenhamos em mente que as diferenças encontradas no texto em relação ao pensamento paulino, expresso nas epístolas neotestamentárias, podem ser explicadas pelo fato de se tratar de um texto apócrifo que, embora discorra sobre fatos que teriam ocorrido por volta do ano 48 E.C., na verdade, representa a mentalidade de fins do século II. Nesse sentido, as epístolas paulinas teriam apresentado a via do celibato como uma opção que garantiria mais liberdade ao adepto para se dedicar a Deus, enquanto os casados mantinham obrigações com seus cônjuges. Entretanto, os defensores do encratismo nos séculos I e II encontraram em Paulo fundamento para essa ideologia.

Não obstante, o que nos chama a atenção é que o encratismo atua como pano de fundo no enredo em que Tecla se destaca como uma mulher ousada, que se opõe as leis que a obrigavam a se casar, desafia o poder de sua família, do Estado e da igreja. Enfrenta a fúria das outras mulheres da cidade de Icônio, assume o encratismo, luta por sua virgindade. Mas o propósito final é conquistar o mesmo direito dos homens em batizar e pregar a palavra de Deus, destacando um forte embate de gênero. As questões referentes ao celibato e à virgindade fazem cena para a questão principal: o reconhecimento e autonomia das mulheres como líderes, inclusive, líderes cristãs.

A luta feminina, representada pelos embates de Tecla, deixam patentes as diferenças que reinavam naquelas sociedades no tratamento dado às mulheres em relação aos homens. O corte de cabelos e o uso de vestimentas femininas ressaltam que essas diferenças eram superficiais, uma vez que não tinham poder para mudar a essência de quem as assumia. Mesmo não mudando a essência, Tecla desenvolveu seu ministério com o mesmo sucesso de seus pares homens. Logo, as



limitações que se impunham ao ministério feminino não tinham outra razão de ser, senão o preconceito de uma sociedade patriarcal.

Desse modo, o texto intenciona combater a alegação de inferioridade das mulheres por conta do apelo sexual que sua condição de mulher provocaria nos homens, e que seria a causa da instabilidade em sua vocação apostólica, uma vez que a mulher casada deveria ser submissa aos seus maridos, como se observa na fala do Governador ao indagar Tecla: “Por que você não obedece Tamiris, de acordo com a lei dos iconianos?” De forma gradativa, Tecla desmonta a estrutura patriarcal de seu tempo à medida que enfrenta sua família, a sociedade e a igreja, esta representada pelo apóstolo Paulo. Assim, a virgindade e o celibato seriam os instrumentos de autonomia das mulheres, e Tecla segue esse caminho ao recusar casar-se com Tamiris e abraçar o encratismo. Essa sua recusa em casar é o motivo que leva sua mãe a pedir a morte da filha, no que é atendida pelo governador e auxiliada pelas demais mulheres da cidade. Aqui destaca-se a coragem de Tecla, de preferir morrer a viver sujeita a um homem que lhe impediria realizar seus sonhos. A vitória de Tecla é revelada nos três níveis antes mencionados: No âmbito familiar; no âmbito social; no âmbito eclesiástico.

Primeiramente, a autoridade de Tecla é reconhecida no fato de o texto retirar qualquer possibilidade de ela ter de se casar com Tamiris (porque ele havia morrido), bem como no modo como se desenvolve seu discurso com sua mãe. Com efeito, quando ela volta a Icônio já não encontra Tamiris, porque este havia morrido. Então, ela “manda chamar sua mãe”, que se apresenta a ela no mesmo lugar em que Paulo pregava, na casa de Onesíforo. Ali Tecla prega a palavra de Deus a Teocleia. A ausência de fala de Teocleia corrobora a superioridade da filha.

Ampliando a esfera para o âmbito social, temos a confirmação dessa determinação de Tecla de superação da desigualdade homem x mulher em sua viagem a Atioquia da Síria, no episódio em que o magistrado sírio, Alexandre, tenta estuprá-la. Fica evidente o desnível em que ambos se encontravam na sociedade. A recusa da iconiana em ceder aos apelos sexuais do sírio é a causa de sua condenação por sacrilégio. Ou seja, sua vontade em não se unir a um homem (no caso, Alexandre) era visto como uma ofensa ao casamento que a condenava à morte.



Na primeira condenação, Tecla é levada a julgamento por contrariar, de modo passivo, sua família e as leis de sua cidade. Agora a esfera se amplia, uma vez que ela é levada a julgamento por contrariar, de modo ativo, a sociedade, enfrentando um poderoso cidadão, o magistrado Alexandre. Enquanto Paulo se acovarda, diz não conhecer Tecla, e foge, esta disputa fisicamente com Alexandre pela defesa de sua virgindade, porquanto “atacando Alexandre, ela rasgou sua túnica, arrancou sua coroa e fez dele um motivo de piada”. A vitória de Tecla é coroada pelo edito do governador que a reconhece como beata e serva de Deus, e com o unísono clamor das mulheres da cidade: “Há apenas um Deus, o Deus de Tecla”! Ademais, observa-se que a expectativa seria de que a cidade se convertesse pelo ministério de Paulo, não pelo de Tecla.

O terceiro nível de embate ocorre quando Tecla manifesta a Paulo seu desejo de se batizar e de segui-lo em sua viagem missionária. A recusa do Apóstolo claramente se ampara no fato de se tratar de uma mulher que, pressionada, acabasse se casando, colocando em risco a missão evangelística. A mesma justificativa é por ele usada para negar-lhe o batismo, a despeito de toda prova de fé, ousadia e coragem que ela já havia demonstrado ao enfrentar sua família, ao renunciar seu noivado e ao enfrentar a morte. Por outro lado, Paulo não tardou em batizar Probus, o marido relutante de Xantipa, nem mesmo ao leão foi negada água quando este pediu a Paulo para ser batizado.

Não obstante o papel de coadjuvante desempenhado por Paulo, o objetivo não é desmerecê-lo, mas enaltecer Tecla. Paulo é retratado em grande honra de um homem santo de Deus. Se nem mesmo ele foi capaz de impedir o ministério religioso de Tecla, quem mais o seria? Assim, ele é tomado como paradigma máximo da igreja, cuja decisão última é aprovar e abençoar Tecla como pregadora da palavra de Deus, atitude que deve ser seguida em relação a todas as demais mulheres.

Atos de Paula e Tecla não integram o rol dos livros considerados sagrados nas Bíblias cristãs, mas isso não diminui sua importância perante os fiéis. O texto por muito tempo circulou e moldou a mente e conduta de muitos cristãos. Na Igreja Ortodoxa sua festa é celebrada no dia 24 de setembro, enquanto na Igreja Católica romana, ela é comemorada no dia 23 de setembro. É venerada como padroeira dos agonizantes.



Também é a padroeira da cidade de Tarragona, na Espanha, onde há uma grande catedral em sua homenagem.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2018.
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. **A apocri ficidade como critério hermenêutico**. Revista Brasileira de Teologia. Rio de Janeiro. N. 6. p. 83-98. Julho/dezembro 2018.
- CHARLES, Raymond Henry. **Vida após a morte no judaísmo e no cristianismo**. Tradução Brian Kibuuka. São Paulo: Ebenézer Musical, 2020.
- DEVAI, Sara Gonçalves. **Atos de Paulo e Tecla: Estudo e tradução**. 131f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.
- FEITOSA, Lourdes Conde. **Gênero e Sexualidade no mundo romano: a Antiguidade em nossos dias**. História: Questões & Debates, [S.l.], dez. 2008. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15297/10288>.
- GABEL, John B; WHELLER, Charles B. **A Bíblia como literatura**: uma introdução. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. **Enoque**: um livro profético para o Cristo. 2015. 201 f. Tese (Doutorado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Sociedade) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.
- HENZE, Matthias. Os pseudepígrafos do Antigo Testamento hoje: os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). **Apocri ficidade**: o cristianismo primitivo para além do cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- MORALDI, Luigi. **Evangelhos apócrifos**. Tradução Benôni Lemos e Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1999.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocri ficidade**: os apócrifos cristãos no estudo do Cristianismo Primitivo. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). **Apocri ficidade**: o cristianismo primitivo para além do cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Atos de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2022.
- NOGUEIRA, Sebastiana Maria Silva. **Tertuliano e os atos de Paulo e Tecla**. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Apocri ficidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- Atos de Paulo e Tecla**. In: Eduardo de Proença (Org.). Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editoria, 2017. P. 388-401.



PIACENTE, Leonardo Henrique. **O encontro do cristianismo com a cultura clássica: a questão em Irineu de Lião.** 159f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, 2016.

SILVA, Francisca Rosa da. **Maria Madalena e as mulheres no cristianismo primitivo.** 117 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

SOARES, Cláudio da Chaga. **Atos de Paulo e Tecla: A narrativa romanesca e o discurso sobre a imagem do apóstolo.** São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

Vida e conduta das santas mulheres. In: Eduardo de Proença (Org.). Apócrifos e pseudepígrafos da Bíblia. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editoria, 2017b. P. 554-581.

Submetido em: 31-10-2022

Aceito em: 1-12-2022